

## EDITORIAL

### Fevereiro Antifascista!

Em fevereiro, realizamos as jornadas antifascistas.

O fascismo é a expressão máxima do autoritarismo estatal e tem como primícia básica o pensamento único, o nacionalismo extremado e um rígido controle sobre os meios de produção orientados para satisfazer as necessidades dos grupos que controlam o Estado. Então há um rigoroso controle sobre a liberdade de expressão, sobre as organizações civis e total subordinação das organizações dos trabalhadores ao Estado.

Tendo esse pequeno esboço sobre o fascismo, fica fácil entender porque a COB-AIT é totalmente contrária ao modelo sindical atual, porque ele foi implantado por Getúlio Vargas copiando o modelo organizacional de Mussolini, isto é, do fascismo italiano. Uma vez assegurando o controle das organizações dos trabalhadores pelo Estado, rapidamente o sindicalismo brasileiro que fora altamente combativo e que trouxe melhorias significativas ao movimento dos trabalhadores brasileiros, se define e perde seu caráter revolucionário.

Ao decorrer do tempo, com uma maior “amarelização” dos sindicatos, a constante caça e contenção dos elementos mais radicais dos sindicatos, o movimento sindical brasileiro se torna uma sombra do que fora no passado, quando conseguia paralisações solidárias de vários ramos de produção e grandes greves gerais por bem estar e liberdade.

Mesmo com o fim do regime militar, não trouxe ao movimento sindical brasileiro uma libertação das amarras do Estado, pelo contrário. Com a formação de vários partidos ditos de esquerda, os sindicatos se tornam uma arena de disputa, já que eles são catalizadores de recursos, uma vez que há imposto sindical obrigatório e todo trabalhador é obrigado ter um sindicato, sua única liberdade é escolher qual e que seja legalmente aceito e reconhecido pelo Estado. E para ser legalmente aceito deve estar dentro do modelo fascista que vem dos tempos de Vargas. Fica evidente que os sindicatos oficiais longe de servir de instrumento de luta dos trabalhadores, de sua união pela revolução, se tornarem ringues de disputas

partidárias e corporativistas, fracionando a luta, o que muito agrada os patrões, empresários, comerciantes, banqueiros e negociantes em geral, resumindo, exploradores e opressores.

Isso deve estar claro a todos que aspiram pela emancipação de nossa classe.



O rompimento com o modelo fascista de sindicalismo praticado aqui deve ser organizado por associações formadas por trabalhadores, de trabalhadores e para os trabalhadores. O sindicalismo é um meio de luta e não um meio de vida.

A FOSP atua e defende a construção de núcleos e sindicatos autenticamente livres do controle do Estado e dos partidos, um órgão de defesa dos trabalhadores e que tem um objetivo final claro, a emancipação dos oprimidos e explorados através da construção de um sindicalismo revolucionário, uma forma de gerenciamento igualitário dos meios de produção, visando sustentar a revolução e o socialismo libertário.

Essa construção não se é de um dia para outro e nem será feita por uma vanguarda esclarecida, não!

Ela é feita por pessoas comuns, simples que se levantam contra a opressão e exploração, e sabem que só com a união de todos oprimidos e explorados é que isso é possível.

E você, vai continuar submisso?



### “A Luta contra o fascismo é a luta contra o capital” Edgar Leuenroth

A luta antifascista é uma face da luta contra a opressão e exploração, é uma das batalhas na guerra de classes sociais antagonônicas, de interesses antagonônicos. Essa guerra envolve a todos, sem exceção de cor, credo, consciência política.

O que é peculiar nessa guerra é que um dos lados está sendo condicionado a não lutar, a deixar a luta e se contentar com as pequenas migalhas que o outro lado deixa cair de sua mesa.

Sendo mais claro, um lado é composto de uma minoria de proprietários, latifundiários, especuladores, banqueiros, empresários, patrões, investidores, empreendedores, partidos, políticos, instituições religiosas e militares que nada produzem, mas acumulam toda riqueza produzida. Eles estão organizados, possuindo sindicatos e associações patronais que controlam a vida e morte de nossa cidade, de nosso país, de nosso planeta. É claro que se desentendem, mas na hora de unir forças para garantir essa estrutura, não pensam duas vezes.

Enquanto isso, nossa classe enorme formada de miseráveis, de oprimidos e explorados, de empregados e desempregados, estamos desarticulados. Os espaços que são criados para luta são tomados e controlados por partidos políticos, pela lei de um Estado que é fiel aliado das forças patronais.

Em que consiste então a luta antifascista no meio sindical?

É a organização de um sindicalismo combativo, revolucionário que rompa com o modelo fascista que impede acentuarmos a luta e impede a nossa classe se organizar de forma livre e diretamente agir em sentido de sua emancipação. O que propomos é opor à força da repressão legal do Estado brasileiro, uma força construída por nós e para nós, uma força capaz de organizar a sociedade em moldes libertários visando o bem estar coletivo e individual, e não apenas os interesses do grupo de exploradores e opressores que já citamos.

A luta contra o fascismo é a luta contra o capital porque ele gera uma desigualdade social tamanha que para que um viva, milhares devam padecer, sem opção alguma.

Organizemos a resistência a essa brutalidade sem tamanho.

## Fascismo: mediocridade do totalitarismo

O fascismo é uma doutrina política nascida na Itália, após a I Guerra Mundial, que preconiza a organização do Estado e de todas suas atividades através do corporativismo. Isso significa o controle total da sociedade através de um Estado forte, inquestionável e controlador de seus cidadãos, o que leva ao desenvolvimento de um nacionalismo exagerado e total ojeriza contra tudo que seja estrangeiro.

Por isso procuram defender a indústria nacional e uma disciplina rígida dos trabalhadores e dos patrões voltadas para o interesses do Estado totalitário. O ponto central da doutrina fascista – se é que é uma “doutrina” o exercício ditatorial do poder totalitário – era e é a organização das atividade econômicas do país em corporações patronais e de trabalhadores, com o uso da violência, quando necessário, e forte inspiração nacionalista. Defendem que o corporativismo é uma proposta eficiente de organização social e produtiva, levando ao crescimento do Estado, da “nação”.

No Brasil isso causou enorme impacto. Getúlio Vargas se inspirou no modelo italiano para criar a legislação trabalhista, com base na organização confederativa das profissões, tendo como pedra angular a unicidade sindical. Temos também outra construção corporativa que são os conselhos de profissão, que são estruturas legitimadas pelo Estado e que atuam como regulamentadores das profissões, e em muitos casos limitando a ação dos sindicatos oficiais da profissão.

Assim muitas profissões são controladas legalmente por duas entidades profissionais. Isso garante ao modelo trabalhista atual um imenso controle sobre os trabalhadores.

As conseqüências desse modelo foi a total desarticulação, durante 60 anos, dos trabalhadores enquanto uma classe unida em busca de sua emancipação. Gerações de sindicalistas revolucionários e anarquistas foram sistematicamente presos e levados a campos de concentração e extermínio (o mais celebre é o da Clevelândia), aqueles que eram estrangeiros foram extraditados para seus países (como Gigi Damiani e Neno Vasco). Tudo isso atendendo a uma organização do capital onde os trabalhadores eram e são considerados apenas uma parte da produção e não a sua essência.

Cabe a nós, incansavelmente reorganizar a resistência e a luta à esse modelo fascista, que procura harmonizar o capital e os trabalhadores, negando o obvio: há uma guerra de classes, uma desigualdade social brutal entre explorados e exploradores.

O controle do mundo do trabalho é quase total, rompamos seus grilhões antes que seja tarde.

A nossa emancipação é nossa própria obra!



## O fascismo como adjetivo

É possível entender que a partir das experiências italianas, espanholas, russas, alemãs e portuguesas de estados totalitários, de extrema violência contra qualquer forma de oposição, uma enorme intolerância contra grupos étnicos e preferências sexuais, uma censura à liberdade de expressão e o controle da produção cultural leve-nos a usarmos

os termos fascista e fascismo a tudo que tenha um perfil de extremo controle ou extrema violência, dada que isso foi usado largamente nos casos acima citados.

Então é muito comum no dia-a-dia, em situações de intolerância, de ameaças, de uso de força física ou alguma ação arbitrária e prepotente, adjetivarmos os causadores dessas situações de fascistas e o que fazem de fascismo, daí tornando seu uso um tanto impreciso, desviando deveras do sentido que elas possuem.

É necessário termos a ciência do significado para usarmos na dose certa.

Isso não significa todavia em sermos complacentes com os autoritarismo desmedido e prepotente que esta nos tyrannizar por todos os lados. Resistamos as práticas fascistas e autoritárias que imperam nas escolas, nas fábricas, nas casas, nas ruas, que reproduzimos sem pensar a respeito

À eles devemos mostrar que temos conceitos universais de liberdade e bem estar e que os defenderemos com igualdade e justiça, construindo o socialismo libertário através do sindicalismo revolucionário, uma prática que emancipa os homens pois confia a eles sua própria organização.

## Sindicalismos

**Atual:** De modelo fascista, O Estado e sua Justiça rege o meio do trabalho, intervindo legalmente no conflitos. O que não é mostrado é que o patronato tem um forte controle nesse meio, o que leva a favorecer seus interesses. Ao longo de 60 anos, se consolidou como um “padrão” reformista de luta, bastante influenciado pelos partidos e igrejas, que controlam quase todas as ações sindicais. Outro efeito visível é o corporativismo profissional, que impede a união inter-ramos de trabalho, isolando a luta e a dispensando. A CUT e a Força seguem essa cartilha e não promovem propostas de ruptura com isso e já possuem entrada franca no Ministério do Trabalho, harmonizam com o patronato e atenuam a luta de emancipação.

**Nossa proposta:** Sindicalismo revolucionário, onde os trabalhadores agem diretamente por suas necessidades, evidenciando o antagonismo de interesses entre o patrão e nossa classe. A união inter-ramos de profissão para construir uma organização igualitária de produção e de sua distribuição entre os produtivos. O meio de organização essencial é a assembléia, um elemento de educação social dos oprimidos e explorados. Evita-se assim o Estado, os partidos, as igrejas e principalmente os patrões. Como é uma proposta de ruptura com o modelo vigente, é necessário a união dos trabalhadores na construção dessa proposta e ter força legítima de ação direta diante do modelo fascista-burocrático atual.

Saiba mais: [www.fosp.anarkio.net](http://www.fosp.anarkio.net)